

AVALIAÇÃO FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: analisando as concepções de professoras

Gracielle Henrique da Silva¹
Ana Lúcia Felix dos Santos²

Resumo: Este estudo teve por objetivo analisar as concepções de professoras do Ensino Fundamental sobre avaliação da aprendizagem e sua aproximação com a avaliação formativa. Considera que a avaliação da aprendizagem tem como um dos seus principais papéis acompanhar a aprendizagem do aluno, contribuindo no processo de ensino e de aprendizagem. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, com aplicação de questionário com questões abertas. As participantes foram professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados revelaram que as concepções das professoras se aproximam de uma perspectiva de avaliação formativa, já que elas informam que o acompanhamento das aprendizagens do alunado configura-se em um processo contínuo e permanente. No entanto, observamos que a prova continua sendo um dos instrumentos avaliativos mais utilizados por parte das professoras, o que parece indicar que elas aprenderam os conceitos/concepções de avaliação formativa, mas, não necessariamente conseguem colocar esses conceitos em prática.

Palavras-Chave: Avaliação da Aprendizagem, Avaliação Formativa, Concepção dos Professores.

1. Introdução

O presente estudo tomará como foco a avaliação da aprendizagem, especificamente abordará a avaliação numa perspectiva formativa. Considerando esta como um processo que vai favorecer para o crescimento e formação do aluno, pois a avaliação da aprendizagem, na perspectiva aqui definida tem como uma de suas funções acompanhar a aprendizagem do aluno, proporcionando assim uma prática de ensino e de uma aprendizagem significativa. Sendo assim, segundo Luckesi (2005), o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando, ajudando no redimensionamento da prática pedagógica.

O interesse pelo tema da pesquisa se deu a partir da necessidade de entender as concepções de avaliação que professores dos anos iniciais do ensino fundamental apresentam sobre avaliação da aprendizagem. Sabe-se, pois, que as concepções de avaliação são muito abrangentes, dessa forma pode-se encontrar no ambiente escolar diferentes formas de se trabalhar com avaliação da aprendizagem. Partindo da perspectiva de que um dos papéis do

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. graci.marcos10@gmail.com

² Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. analufelix@gmail.com

professor é contribuir e estimular o aluno para que este seja autor de sua aprendizagem, considerando assim que a avaliação é um processo que precisa acontecer de forma contínua. Ou seja, o presente estudo terá como base a avaliação formativa.

Neste cenário, buscamos respostas para a seguinte questão de pesquisa: *Qual a concepção de avaliação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e em que sentido essa concepção se aproxima de uma perspectiva de avaliação formativa?*

Segundo Mendéz (2002), a avaliação em sua aspiração como sendo formativa deve estar continuamente a serviço da prática pedagógica, para melhorá-la, e a serviço dos que dela participam e dela se beneficiam.

De acordo com Zabala (1998), o planejamento e a avaliação dos processos educacionais são partes inseparáveis do trabalho do docente, já que o que acontece nas aulas, a própria intervenção pedagógica, nunca pode ser entendida sem uma análise que leve em consideração as intenções, previsões, a expectativa e a avaliação dos resultados.

A partir desse entendimento inicial, e do problema de pesquisa acima exposto, é que elaboramos o objetivo da pesquisa. O nosso objetivo geral consistiu em: Analisar as concepções de professores sobre avaliação da aprendizagem e sua relação com a avaliação formativa. Em termos específicos buscou-se: Discutir elementos teóricos que embasam as concepções de avaliação da aprendizagem e da avaliação numa perspectiva formativa; Identificar as concepções de avaliação da aprendizagem de professores dos iniciais do ensino fundamental; Analisar as aproximações das concepções dos professores com a avaliação formativa.

Nosso trabalho está estruturado em cinco partes. A primeira é essa introdução. A segunda consiste no nosso referencial teórico que inicia com uma conversa com os autores acerca do processo histórico avaliativo, por conseguinte destacamos as concepções de avaliação da aprendizagem, pois é por meio da mesma que identificamos e desenvolvemos estratégias para garantir o aprendizado da criança. Na sequência, ressaltamos a avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa, cujo objetivo principal consiste em acompanhar a prática educativa do alunado. E, para concluir essa segunda parte, trazemos os instrumentos avaliativos da aprendizagem. A terceira parte consiste na apresentação da nossa metodologia de pesquisa. A quarta parte é o momento em que apresentamos os dados e as análises que fizemos sobre os mesmos. Por fim, apresentamos as considerações finais desse trabalho.

2. Avaliação da aprendizagem no campo educacional

Avaliação tomou força no Brasil durante a década de 1990, como componente no processo avaliativo, e vem ganhando lugar entre os grandes estudiosos da educação. Neste contexto, analisa-se o processo histórico que configurou a avaliação um dos mais processos significativos.

A avaliação da aprendizagem no Brasil veio com a proposta de mensurar e medir os conhecimentos adquiridos dos alunos. Tomando como marco inicial a avaliação tradicionalista. Para Tyler (1974), o processo avaliativo era para estabelecer métodos de medição de resultados com intuito de medir o grau de aprendizado adquirido pelo aluno, era avaliado o comportamento do educando, uma vez que tal avaliação era para mudar tais comportamentos. Segundo Saul (2001, p. 27) afirma que:

O processo avaliativo, na proposta de Tyler está integrado a seu modelo para a elaboração de currículo que assume essencialmente um planejamento de caráter controlador, analogamente ao que acontece no processo de produção industrial.

A trajetória do processo de aprendizagem segue influenciada pelo pensamento de Tyler, por seus seguidores, pois esta continuou a ser entendida como uma perspectiva de controle curricular. No decorrer dos tempos surgem diversos modelos de elaboração curricular que levando a um ponto de partida para definição dos objetivos comportamentais.

No Brasil, a avaliação é influenciada pela produção norte-americana com o intuito de julgar, verificar, classificar e medir os conhecimentos dos alunos. Esta influência se dá mediante acordos internacionais, realizados pelos professores brasileiros que estudaram nos Estados Unidos, sendo baseada na proposta de Tyler tendo como princípio básico o currículo e o ensino. Seguindo uma proposta positivista que penetra no âmbito acadêmico e legislativo de escala Federal e Estadual, resultando-os em leis e decretos para as praticas educativas de 1º e 2º grau.

De acordo coma concepção positivista de avaliação expressa no modelo de Tyler, a avaliação qualitativa começou a surgir, se opondo criticamente a avaliação quantitativa (quantidade). A primeira era tida como avaliação da iluminação, pois vai desencadear inúmeras alternativas de avaliação, trazendo significados para o desenvolvimento dos alunos. Saul (2001) afirma que:

O objetivo da avaliação é compreender a situação do objeto de estudo mediante a consideração das interpretações e aspirações daqueles que nela atua, ofertando a informação para cada um dos

participantes necessitam a fim de entender, interpretar e intervir de maneira adequada (p.47).

Diante desta nova perspectiva avaliativa, o interesse seria compreender o que o aluno havia aprendido. De maneira ampla o processo de ensino aprendizagem é presente no cotidiano do ser humano e, todos os aspectos. Há inúmeras escolas que se assegura ainda desse processo avaliativo, mas levando em consideração que mesmo medindo os conhecimentos dos alunos eles chegaram da mesma forma ao aprendizado.

Nesta perspectiva Hoffmann (2008, p.17), afirma que:

Avaliação é, portanto, uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa.

Desta forma, para avaliarmos, devemos usar um planejamento e levar em conta a situação a qual se encontra cada educando, uma vez que a avaliação não se concentra na obtenção de resultados, mas, sobretudo com o processo que de início concentra-se em restabelecer estratégias e critérios que promovam o desenvolvimento do aluno.

No decorrer do tempo e dos contextos histórico-sociais, a avaliação sofreu significativa evolução no que se refere ao contexto educativo, deixando de centralizar o aluno como sendo o único objeto, passando o currículo, programação, alunos, professores e até mesmo a escola a serem avaliados. Resultando em um grande avanço da avaliação de melhoria da qualidade da educação.

2.1 Concepções de avaliação da aprendizagem

Segundo Hoffmann (2005), o papel do professor é mediar e intervir sempre que necessário no aprendizado dos alunos, desenvolvendo de certa forma uma troca de ideias e conhecimento, pois é no dia-a-dia dos indivíduos na escola que é possível que o professor faça as observações e avaliações e registre cada desenvolvimento do aluno.

No momento em que o professor assume a responsabilidade de trabalhar de forma mediadora precisará ter maior possibilidade de alcançar suas metas. De acordo com Mendez (2002), no âmbito educativo, a avaliação deve ser entendida como atividade crítica de aprendizagem, pois assumirá que a avaliação é aprendizagem no sentido de que é por meio dela que adquirimos conhecimento.

Para que o processo de avaliação aconteça, segundo Hoffmann, esse processo precisa de uma visão contemporânea, visão que detecte o alunado. Os métodos e instrumentos avaliativos são inúmeros e não podem ser confundidos, avaliação precisa ser uma ação que promova o aprendizado, ou seja, que sirva essencialmente para conhecer cada aluno e suas necessidades, dessa forma o professor terá uma reflexão não no que o aluno deixou de aprender e sim focar nas oportunidades e pensar em caminhos para que alcancem os objetivos. Avaliar trata-se de um processo contínuo, um olhar para cada aluno, investigando sobre seu jeito de aprender, interagindo com o aluno e o desafiando de modo que se desenvolva ainda mais.

Para Perrenoud (1999) a avaliação deve ser analisada como componente de um sistema de ação e como um momento de reflexão, ou seja, avaliar é preciso, porém não apenas com o objetivo de promover ou reprovar um aluno, mas para mediar a aprendizagem, como um agente de formação do aluno.

É por meio desta que se identifica o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, a partir das inovações educativas. O educador aprende para melhor instruir-se, para melhorar sua prática e colaborar para o aprendizado do aluno, identificando as dificuldades para que possa superá-las, e desenvolver estratégias para garantir o aprendizado do aluno. Conforme esta afirmativa, como pode-se avaliar? Segundo Luckesi (2011):

Aprender a avaliar é aprender conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitantemente a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática (p. 30).

É preciso que os professores compreendam as diversas formas de avaliar o aluno, pois o processo avaliativo, não se dá apenas classificando e quantificando, pelo contrário o educador entender que cada indivíduo aprende a cada instante de sua vida escolar, sendo assim este momento também precisa ser visto como um instrumento de avaliação.

Sendo assim para Zabala (1998, p. 220), “é preciso lembrar que avaliar, é avaliar de uma determinada maneira diversificada tanto em relação aos objetos como aos sujeitos da avaliação, e com caráter não é, exclusivamente, uma questão de oportunidade [...]”. A melhor forma de realizar tal processo é conhecer e poder avaliar as ações pedagógicas do dia a dia em sala de modo que as ações avaliadoras atendam ao mesmo tempo os processos individuais e coletivos.

2.3 Avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa

Tomando como base do estudo a avaliação formativa caracteriza-se em possuir mais sentido e importância na questão educativa, de modo a modificar, regular e intervir funcional e instrumentalmente nos processos de ensino-aprendizagem das aulas. Tem por função acompanhar o processo de ensino-aprendizagem do alunado, assumindo responsabilmente nas tomadas de decisões sobre o currículo, na melhoria da prática docente, bem como para favorecer o aprendizado do aluno.

Conforme Mendez (2002).

Avaliação que se aspira a ser formativa deve estar continuamente a serviço da prática, para melhorá-la, e a serviço dos que dela participam e dela se beneficiam. A avaliação que não forma e da quais os que dela participam não aprendem deve ser descartada nos níveis básicos de formação. Ela mesma deve ser recurso de formação e oportunidade de aprendizagem (p.16).

A avaliação na perspectiva formativa reguladora pode ser entendida como prática da avaliação contínua, tendo por objetivo o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Esta por sua vez centraliza-se na ação de formação, e desenvolve o levantamento e acompanhamento de informações cabíveis a melhorar a aprendizagem e regular os processos educativos. Inserindo-se em tal processo com a finalidade de ajustar ou mudar a prática educativa, ou seja, adaptando o ensino a necessidades de cada indivíduo na medida em que vão construindo o conhecimento.

De acordo com Hadji (2001):

O professor será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá regular sua ação a partir disso. O aluno não saberá somente onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra a tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros (p.20).

Sendo assim, pode-se dizer que a realidade educacional hoje mostra que grande parte dos professores, tanto da Educação Básica ou até mesmo a superior, desenvolvem práticas classificatórias, seletivas, excludentes, diferentemente das que visam e ou tem por finalidade diagnosticar, aprimorar enfim, dar condições efetivas para que os professores possam no direcionar o sucesso da aprendizagem.

Dessa forma, o processo avaliativo não se constitui apenas como obtenção de resultados, mas para proporcionar estratégias decisivas no processo de aprendizagem e de desenvolvimento, que de acordo com Zabala (1998, p. 199), resume em conhecer a situação de cada aluno e poder tomar medidas educativas pertinentes que ajudará a tomar conhecimento do processo a ser seguido, ou seja, uma avaliação inicial (conhecimentos prévios).

O estágio seguinte representa a avaliação reguladora que consiste em adaptar o ensino às características e às necessidades de cada aluno ao logo do processo de ensino aprendizagem Zabala (1998, p. 200). Esta é a que mais possui sentido e importância na questão educativa (não deixando de lado as outras). E seguidamente a que tem como finalidade externar os conhecimentos adquiridos. Tem como função de regular, pois serve para replanejar o processo de ensino realizado. Conforme Zabala (1998) afirma que:

[...] é entendida como um informe global do processo que, a partir do conhecimento inicial, (avaliação inicial); se manifesta a trajetória seguida pelo aluno, às medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo processo e especialmente a partir desse conhecimento, as previsões sobre o que é necessário fazer de novo (p.201).

Entendendo que avaliação tem como finalidade básica de intervir, e para tomada de decisões educativas é que diversos autores vão contribuir para que deixemos de lado a avaliação que classifica, quantifica, mede. Hoffmann (2003) propõe que o processo de avaliação passa por um novo olhar, um olhar que perceba o indivíduo, o singular, ou seja, conhecer para promover oportunidades. Sendo assim destaca alguns princípios coerentes a avaliação mediadora:

Oportunizar aos alunos muitos momentos de expressar suas idéias; oportunizar discussão entre os alunos a partir de situações desencadeadora; realizar várias tarefas individuais, menores e sucessivas, investigando teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelos estudantes; ao invés do certo /errado e da atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores soluções; transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção de conhecimento (HOFFMAN, 2003, p. 56).

Todas essas praticas podem ser revertidas em atividades avaliativas, e de possível utilização por parte do professor na avaliação inicial. Para que o professor desenvolva uma

avaliação significativa, a ação mediadora precisa acontecer a partir da interação pedagógica sobre a interpretação das atividades do educando.

Conforme Mendez (2002 p. 13), “avaliação formativa não é o mesmo que medir, nem qualificar e nem tão pouco corrigir e classificar, aplicar testes, provas”.

2.3 Instrumentos avaliativos da aprendizagem

Para que a avaliação da aprendizagem ocorra é de suma importância que o professor tenha plena certeza que não é apenas medindo, classificando os conhecimentos dos alunos. O educador não fará uso apenas de um instrumento avaliativo, pois conforme Hoffmann (2005):

Instrumento de avaliação são registros de diferentes naturezas: tarefas, testes, cadernos, trabalhos e produção do aluno analisado pelo professor; anotações sobre a vida escolar dos estudantes nos diários de classes e nos registros das secretarias das instituições em atas ou outros documentos que servem também como elementos de análise da vida escolar (p. 68).

Tais instrumentos irão reunir diferentes percepções avaliativas e definições estratégicas pedagógicas em conjunto no decorrer do processo contínuo. Dessa forma os professores devem definir com clareza os critérios a serem avaliados, tendo este que lançar mão de diferentes instrumentos avaliativos, desde os mais tradicionais até os mais alternativos.

Todavia, tais mecanismos citados anteriormente: cadernos, testes, tarefas, entre outros são tidos como um dossiê da vida escolar de cada educando, porém não quer dizer que as observações sem registros são instrumentos de avaliação, pois só pode ser instrumento se for algo registrado. Sendo assim, é necessário que o professor antes de iniciar uma avaliação é preciso que seja feito um planejamento do que será avaliado, pois a avaliação em uma visão mediadora precisa ser planejada com clareza.

Segundo Hoffmann (2005, p. 13) “Ao avaliar efetiva-se um conjunto de procedimentos didático que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delineia um processo”. Ainda segundo a autora diversos professores qualificam o educando fazendo testes, provas trabalhos, porém esses métodos não é avaliação são instrumentos avaliativos.

Ainda conforme a autora, quando avaliamos colocamos em prática a união de inúmeros procedimentos educacionais que se alargam por muitos anos e se dão em muitos âmbitos escolares.

Cabe ao professor antes de avaliar saber qual (is) informações quer ou vai coletar independentemente do instrumento que vai usar, o mais importante será o efeito e sua função anunciada e oculta. Como afirma Mendez (2002, p. 98):

O valor da avaliação não está no instrumento em si, mas no uso que se fala dele. Mais que o instrumento, importa o tipo de conhecimento que põe à prova, o tipo de qualidade (mental ou prática) que exige e as respostas que se espera obter conforme o conteúdo das perguntas ou situações que são fundamentados.

Percebe-se que muitos professores avaliam seus alunos realizando provas, testes, e trabalhos, são inúmeros instrumentos utilizados, tendo esses o objetivo de “classificar”. Dessa forma, esses métodos não são avaliação e sim instrumentos avaliativos, uma vez que Mendez (2002) vai dizer que a avaliação é realizada de acordo com a concepção de cada professor, de modo que este reconheça fielmente cada sujeito participante do processo de desenvolvimento das aprendizagens.

3. Metodologia da pesquisa

Para responder nossos questionamentos e alcançar propósito central adotamos como base os procedimentos metodológicos qualitativos que, de acordo com Minayo (2008), a análise qualitativa é mais do que a classificação de opiniões, mas sim a descoberta de códigos sociais a partir de levantamentos dessas opiniões. Do ponto de vista teórico, desenvolvemos o estudo envolvendo diferentes autores como base: Mendez (2002), Zabala (1998) e Hoffmann (2005), dentre outros, que nos ajudaram a tratar do tema em questão.

Do ponto de vista do trabalho de campo, o instrumento de coleta de dados constituiu-se em questionário com oito perguntas abertas. Este questionário foi escolhido por melhor se relacionar no levantamento de dados sobre o que se quer compreender e interpretar as concepções dos sujeitos. O intuito de utilizar esta ferramenta de pesquisa deu-se pelo fato de nos permitir recolher amostras das concepções sobre avaliação da aprendizagem da população pesquisada.

Segundo Severino (2007), o questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por partes dos sujeitos

pesquisados, com intuito de conhecer o ponto de vista dos mesmos acerca dos assuntos em estudo. Tal técnica de investigação é importante, pois sua facilidade ajuda o investigador a interrogar com prontidão um grande número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto.

Os sujeitos participantes foram quatro professores do Ensino Fundamental de escola Municipal, localizada na cidade do Recife. A escolha da instituição de ensino foi pelo fato de já termos realizado outros trabalhos anteriormente e termos maior proximidade em relação aos professores. Entregamos uma carta e conversamos com a diretora para que autorizasse nossa entrada à escola e conseqüentemente realizar a aplicação dos questionários aos professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

Inicialmente foram aplicados os questionários a seis professores, através de um roteiro semi-estruturado, envolvendo questões sobre avaliação da aprendizagem escolar. Devido aos professores estarem com atividades diárias na escola, foi dando um tempo de uma semana para devolução, mas apenas quatro nos deram retorno. A etapa de coleta de dados se deu durante uma semana do mês de abril, no início do primeiro semestre do ano letivo de 2017. No momento das análises utilizamos as seguintes nomenclaturas: Professor Avaliador 1 (PA1), Professor Avaliador 2 (PA2); Professor Avaliador 3 (PA3); Professor Avaliador 4 (PA4).

Para análise dos dados recorreremos à análise de conteúdo, que conforme Minayo (2010) consiste em um conjunto de técnicas, indicando que há várias maneiras para analisar conteúdos de materiais de pesquisa, destacando-se: a análise de avaliação ou análise representacional, de expressão, de anunciação e análise temática.

Sobre a questão de gênero, podemos ver de acordo com o quadro 1, que todos os participantes são do gênero feminino. Isso é pelo fato de que essa realidade está pautada no imaginário social que o cuidado da criança pequena está diretamente relacionado à maternidade, e de certa forma, deve ser tarefa das mulheres.

Quadro 1. Características das professoras participantes da pesquisa.

Professora	Sexo	Idade	Formação acadêmica	Tempo de atuação
PA1	F	26	Pedagogia	2 anos
PA2	F	41	Pedagogia	8 anos
PA3	F	31	Pedagogia	1 ano e meio
PA4	F	27	Pedagogia	3 anos

A idade das professoras variou entre 26 e 41 anos. Quanto à formação acadêmica, todas possuem formação em pedagogia. O tempo de atuação na Educação Fundamental varia entre 1 ano e meio a 8 anos.

A escola, campo de pesquisa, possui aproximadamente 730, funciona nos três turnos e abrange três modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No turno da manhã são 12 turmas, a tarde são 13 turmas, enquanto no período noturno são 6. A escola possui 36 professores, diretor, vice-diretor, três coordenadores, secretário, nove estagiários docentes e dois administrativos, seis auxiliares de serviço gerais, seis porteiros, seis vigilantes e duas psicopedagogas que atendem numa sala específica em turnos distintos (manhã e tarde).

4. Avaliação da Aprendizagem: a concepção dos sujeitos da pesquisa

Nesse item da pesquisa, passaremos a apresentar as discussões e os resultados a que chegamos a partir da análise das respostas dos professores. Ou seja, foi possível identificar algumas concepções de avaliação e, considerando a variação de respostas, pudemos analisar diferentes entendimentos e diversos sentidos das respostas dadas pelos professores, tomando como base a análise do conteúdo.

Em primeira instância a tarefa é alcançar os objetivos específicos de pesquisa que consistiu em identificar concepções de avaliação da aprendizagem de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e analisar as aproximações dessas concepções com a avaliação formativa.

Ao analisar as respostas dos professores foi possível destacar os seguintes trechos que apresentam ideias sobre avaliação: *“a avaliação precisa ser constante” (PA 1); “serve para conhecer o desempenho” (PA 2); “para acompanhamento das aprendizagens”(PA 3).* Mas, vemos também que tem professores que acreditam que tal avaliação *“serve para verificar os resultados alcançados”(PA 4).* A afirmação dessa ultimo é dúbia, pois tende a mostrar que a verificação pode ser no final do período para fins quantitativos ou continuamente.

Fica evidente que as professoras revela uma concepção de avaliação como mecanismo mediador que possa qualificar os conhecimentos dos alunos. Tal postura é ancorada em métodos de avaliação que visam à evolução do aluno e que propõem uma avaliação da aprendizagem para intervir, modificar, melhorar, regular a prática educativa, e para verificar as dificuldades a fim de reorganizá-las, conforme é possível ver nas respostas acima.

Reforçando o que foi dito por Hoffmann (2005), o papel do professor é mediar e intervir sempre que necessário no aprendizado dos alunos, desenvolvendo de certa forma uma troca de ideias e conhecimento, pois é no dia-a-dia dos indivíduos na escola que é possível que o professor faça as observações e avaliações e registre cada desenvolvimento do aluno. Proporcionando de certa forma uma avaliação direcionada as práticas educativa, com intuito de garantir uma aprendizagem significativa.

Merece destacar ainda o que é estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei 9394/96) que diz:

A verificação do rendimento escolar observará seguintes critérios: avaliação contínua e acumulativa do desempenho do aluno, com a prevalência dos aspectos quantitativos e sobre os qualitativos e dos resultados ao longo período sobre o de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996, ART.24)

Tendo em vista que a avaliação tem como função examinar as alterações qualitativas na aprendizagem, conforme ilustração da LDB 9394/96, nos traz hipóteses que a avaliação deve ter finalidade de recurso para proporcionar ajuda necessária ao professor em sua prática educativa, garantindo a qualidade da avaliação sobre a quantidade.

Vale ressaltar que muitos professores tentam inovar suas aulas e, ou o processo avaliativo, com o intuito de mudar suas concepções, porém inovação não significa mudança, uma vez que meramente inovam apenas: posições das carteiras, por exemplo, de certa forma a aula não deixa de ser tradicional. Para que o professor consiga mudar tal concepção é fundamental arriscar, ousar, expor e refletir sobre um novo conceito. Luckesi (2011, p. 30) vai frisar que:

Aprender avaliar é aprender conceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitantemente a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

Referente às práticas educativas das professoras e como fazê-las os educadores, sujeitos da pesquisa, justificam que a avaliação precisa ser constante e para identificar as dificuldades a fim de repará-las. Ao conceber a avaliação como algo que precisa ser feito *“desde o primeiro dia do ano letivo,”* (PA 1); *“final da aula”*(PA 2); *“continuamente, diariamente e para identificar as dificuldades”*(PA 3); *“ para reformulação do trabalho didático”*(PA 4).Entendemos que as expressões utilizadas pelas professoras dão pista a um tipo de avaliação coerente com a perspectiva formativa conforme é afirmado por Mendez

(2002, p. 16), quando fala: “a avaliação faz parte de um *continuum* e, como tal, deve ser processual, continua integradora no currículo e com ele, na aprendizagem”.

Ainda sobre o que foi representado pelas professoras o autor vai destacar que:

Se fizermos uso da avaliação um exercício contínuo, não há razão para o fracasso, pois sempre chegaremos a tempo para agir e intervir sabiamente no momento oportuno, quando a criança necessita de nossa orientação e de nossa ajuda para evitar que qualquer falha detectada torne-se definitiva. (MENDEZ, 2002, p.17)

Podemos perceber que os dados apresentados nos questionários associam que a avaliação, principalmente quando ligada a prática pedagógica das professoras, apresentam características de avaliação formativa-reguladora. Quando perguntamos: de que forma estão avaliando seus anos? E quais instrumentos utilizam? Das respostas podemos destacar frases e palavras citadas: “*constante a partir das atividades estabelecidas*” (PA 2); “*livros, participação,*”(PA 1); “*semanalmente,*” (PA 3); “*chamadas orais, provas.*” (PA 4);

Todavia, é importante ressaltar que essas concepções são bastantes vagas, não revelando uma objetividade, onde não há um planejamento específico que acaba impactando na forma de avaliar, pois uma das necessidades do avaliador é planejar os critérios que serão avaliados, pois conforme Hoffmann (2002) constata que os instrumentos avaliativos são todas as formas de expressão do aluno que nos permite acompanhar seu processo de aprendizagem. Ainda conforme a autora os melhores instrumentos avaliativos são todas as atividades, tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno.

Para que a avaliação significativa aconteça esta precisa ser um processo permanente, tendo a intervenção do professor no desempenho da aprendizagem do aluno, uma vez que conforme uma tarefa avaliativa seja de certa forma bem estruturada, irá propiciar inúmeras estratégias de solução dos alunos, assegurando ao educador investigar as hipóteses construídas por eles, a fim de assegurar o processo qualitativo da aprendizagem.

Retomando a questão dos instrumentos utilizados para os processos de avaliação, identificamos que os professores seguem um programa trazido pela Rede Municipal de Ensino, ou seja, a ação pedagógica é constituída a partir das provas e exames. Dessa forma, entendemos que a utilização da prova, na maioria das vezes, é um mecanismo tradicionalista e tem por finalidade classificar e medir o nível de aprendizagem do alunado sobre determinado assunto, pois essa prática exclui e quantificar o estudante, por mais que utilizemos de outros

métodos avaliativos o processo pedagógico está focado e ou direcionado para uma prática educativa que examina e seleciona os alunos, ou seja, se retoma a prova. E o que Saul (2001, p. 45) vai dizer:

A avaliação não pode ser unicamente para comparar, de modo asséptico, resultados conseguidos como objetivos preestabelecidos, observáveis e quantificáveis. O objetivo da avaliação não se restringe a condutas manifestas, nem a resultados a curto prazo, nem a efeitos previsíveis ou previstos nos objetivos de um programa.

Os sujeitos da pesquisa revelam isso quando todos falaram sobre o método avaliativo a prova, ou seja, os instrumentos, ninguém fez menção a instrumentos de avaliação diferenciados, todos responderam: “*prova oral e escrita*”. Mesmo que eles apresentem uma concepção mais aproximada de uma perspectiva de avaliação formativa, mas em suas respostas a respeito dos instrumentos usados na prática, a mesma está pautada no instrumento avaliativo prova.

Verificamos que esse método de ensino é discriminador e desconsidera o aspecto qualitativo da educação, uma vez que as provas servem apenas para estagnação e seleção. Esse tipo de avaliação está relacionado ao conceito de medir, e redimensionar os conhecimentos dos alunos. Com intuito de verificar a aprendizagem aplicando notas e realizando conceitos por meio de provas, teste e questionários. Determina um modelo de rendimento sem levar em consideração a individualidade do aluno. Mas Hoffman (2014, p. 35) vai afirmar que:

O equívoco da escola, decorrente das práticas classificatórias, está em transformar a aprendizagem em necessária, obrigatória, em aprender sempre para alguma coisa: aprender para ir ao primeiro ano, ler para aprender, aprender para fazer a prova, para tirar uma nota boa, para passar de ano, para ter uma profissão. Muitas vezes também, pais e professores transformam o aprender em competição: aprender a ser melhor que os outros, para vencer na vida.

Muitos professores veem a o instrumento que mede a capacidade ou o desenvolvimento do aluno e se limitam a isso. E que avaliação classificatória é algo que podemos tocar, mas tal procedimento não mostra que o aluno está se desenvolvendo. Tal processo leva a criança a não ter o prazer de aprender, a questionar e perguntar. Sabemos, pois que a avaliação por muito tempo foi bastante defendida unicamente na forma de prova tradicional, o que é um equívoco quando tomamos por referente à avaliação

formativa. É desenvolvida ao longo do ano letivo uma avaliação formativa ou processual, com o intuito de identificar para o professor aos alunos os resultados e ensinamentos adquiridos durante a sala de aula. Nesse caso, observamos a necessidade do uso de instrumentos diversos: trabalhos em grupos, apresentações, discursões entre outros. Este método mostra ao professor uma visão mais aguçada dos problemas e dificuldades apresentadas ao longo da construção dos conhecimentos dos alunos.

Tomando como base as respostas dadas pelas professoras, entendemos que as mesmas expressam uma concepção de que a avaliação contribui para acompanhar, diagnosticar e melhorar a qualidade do ensino aprendizagem e para o auxílio do professor. O que está bem próximo de uma concepção de avaliação formativa. No entanto outras afirmativas, vão revelar que a prática ainda tem indícios de uma prática em que o aluno é um receptor passivo das informações que a ele são oferecidas. A avaliação é feita de forma a prevalecer uma exatidão em reprodução do conteúdo passado em sala de aula, uma vez que ao perguntarmos como elas avaliam: com prova, exames e prova escrita.

Concordamos com Hoffmann (2003, p.45), quanto ao que se refere à avaliação:

[...] avaliar é, por essência, o ato de valorar, de atribuir valor a algo, de perceber as varias dimensões de qualidade a cerca de uma pessoa de um objeto, de um fenômeno ou situação.

Um aspecto ficou claro é que, as professoras proclamam que a avaliação contribui para melhorar a aprendizagem do aluno e propor diagnósticos aos professores a cerca do que é desenvolvido em sala de aula, o que também é um indício de vinculação à avaliação formativa.

Embora algumas educadoras tragam em suas falas conceito sobre avaliação como mediação, todas vão expor uma concepção de avaliação para os aproveitamentos dos níveis, expressos em notas ou conceito. A avaliação está ligada ao conhecimento conforme Mendez (2002, p.29) é necessário ter um propósito, um foco, um objetivo para que o instrumento avaliativo da aprendizagem não se torne inútil, pois:

O conhecimento deve ser o referente teórico que dá sentido global ao processo de realizar uma avaliação [...] e quando a desligamos do conhecimento, nós a transformamos em uma ferramenta meramente instrumental que serve para tudo, embora realmente valha para muito pouco no campo da formação integradas pessoas que aprendem, seja no âmbito intelectual ou profissional, seja no plano da aprendizagem ou do ensino, seja no plano da implementação do currículo.

Foi interessante perceber o quanto as professoras apresentam uma concepção de avaliação formativa, mas que todas ainda aplicam e valorizam as provas, os exames bimestrais, que estão estabelecidos previamente pela Rede de Ensino. Conforme afirma (LUCKESI, 2002, p. 23): “As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em conta o que foi ensinado”.

A escola vai valorizar muito a nota dando grande ênfase, pois ao final ela é a mais importante. Sabemos, pois que na escola a avaliação tem praticado critérios para aprovar ou reprovar os alunos, caracterizando assim em uma avaliação descomprometida com a aprendizagem do aluno contribuindo para repetência e ainda para o fracasso escolar. Percebe-se que existe uma educação que adota ainda o propósito de informações, ou seja, onde um ensina e o outro aprende.

Sendo assim, a avaliação formativa da aprendizagem auxilia o processo de ensino, uma vez que vai averiguar se os educandos estão atingindo os objetivos pretendidos, analisando todas as dimensões do comportamento de cada um deles. Nessa perspectiva a avaliação permitirá ao aluno clareza dos seus erros e acertos, ajudando-os a desenvolver as respostas corretas e corrigir as falhas encontradas.

O instrumento de avaliação precisa acontecer em sala de aula, no dia a dia escolar com intuito de ocasionar a continuidade de cada conteúdo aplicado, avaliando os resultados alcançados por parte dos alunos.

A avaliação precisa propiciar a retomada de conteúdos, metodologias que possam contribuir ao professor a possibilidade de redimensionar sua prática pedagógica, servindo, assim para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Luckesi (2002, p. 66) vai dizer que a avaliação da aprendizagem existe para assegurar e possibilitar a qualidade de aprendizagem do educando. Hoffmann (2003, p. 28) ainda vai destacar que

o significado primeiro e essencial da ação avaliativa mediadora é o “prestar muita atenção” na criança, no jovem, eu diria “pegar no pé” desse aluno mesmo, insistindo em conhece-lo melhor, em entender suas falas, seus argumentos, teimando em conversar com ele em todos os momentos, ouvindo todas as suas perguntas, fazendo-lhe novas e desafiadoras questões “implicantes”, ate na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para autonomia moral e intelectual.

Ensinar muitos conteúdos ao educando não está intimamente relacionado à qualidade na educação, na realidade tal fator estafele-se por ser uma avaliação numa perspectiva

mediadora, que significa desenvolver o máximo e buscar uma transformação social por meio de uma educação de qualidade.

5. Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo analisar as concepções de professoras do Ensino Fundamental sobre avaliação da aprendizagem e sua aproximação com a avaliação formativa. Considera que a avaliação da aprendizagem tem como um dos seus principais papéis acompanhar a aprendizagem do aluno, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem. A análise dos resultados da pesquisa nos permitiu algumas considerações a cerca das concepções de avaliação da aprendizagem das professoras e que remetem também ao contexto de ensino de escola Municipal, localizada na cidade do Recife.

Para tanto, mesmo, que haja uma concepção de avaliação formativa nos discursos das professoras participantes, é perceptível que as mesmas estão presas ainda a uma prática de ensino tradicionalista que mede o conhecimento do aluno.

Para que uma avaliação significativa aconteça é fundamental que professor atue de forma mediadora, intervindo sempre que possível no aprendizado do aluno, articulando o dia-a-dia da sala de aula e não apenas medindo o conhecimento adquirido do aluno. Enfatizamos que é necessário que o professor utilize diversos instrumentos e tenha consciência de sua prática pedagógica, para que o aluno se sinta estimulado.

Vimos, portanto, que o processo avaliativo se desenvolva é preciso um planejamento adequado por parte dos professores, uma vez que o sucesso ou o fracasso poderá depender das escolhas de estratégias pedagógicas. Para Luckesi (2011, p. 125), “Planejar significa traçar objetivos, e buscar meios para atingi-los”.

Faz-se necessário que os educadores tenham em mente um plano de trabalho como métodos diferenciados para que possam avaliar sobre ótica de uma perspectiva diagnóstica, colaborando como instrumento para detectar as dificuldades e expectativas cognitivas da evolução do aluno.

O professor precisa sujeitar-se a decisões acerca da avaliação que realiza, pois é essencial diversificar as atividades avaliativas e aproveitar mais o trabalho em equipe, ou seja, em grupo, para que assim haja melhoria no processo de ensino aprendizagem.

Sabe-se que o atual processo educacional a avaliação está pautado meramente para classificar os alunos, de modo a não contribuir para uma aprendizagem significativa e que promova o aprendizado. Uma vez que Freire (2003, p. 118) ainda vai destacar que: “que a

transferência de conhecimento não é ensinar, mas criar possibilidades, para sua construção ou produção”. Nessa perspectiva, é vital que o professor seja facilitador durante o processo de aprendizagem, investigando o pensamento crítico e reflexível do alunado.

A avaliação é tida para saber se o aluno deve ou não ser promovido ou excluído, esse tipo de avaliação não auxilia o processo de aprendizado, se apenas para classificar se o aluno é apto ou não, limitando assim a avaliação a exames. Os professores, pais, alunos e a sociedades estão atentas e voltadas o que Luckesi (2005) vai chamar de “pedagogia do exame”, ou seja, para a prova, em consequência disso à promoção dos alunos e não a evolução do conhecimento do mesmo.

Para concluirmos, a avaliação precisa ser entendida como algo amplo, pois assume importante papel de todo processo de ensino-aprendizagem, de modo que avaliar é subsidiar esse processo formativo, disponibilizar instruções imediatas, promover cada individuo a se tornarem cidadãos mais críticos e reflexíveis, acompanhar o progresso de cada alunando.

Embora se compararmos com a realidade das escolas, observamos que está muito longe do que proposto em bibliografias, mas se cada educador mudar a concepção e práticas podemos romper com os paradigmas estabelecidos pela própria historia e sociedade elitista e desigual, nesse contexto, mudar a prática avaliativa mudaremos também a educativa. Luckesi (2011) destaca bem que avaliar, é aprendermos conceitos teóricos e que precisam está ligados juntamente a aprender a prática pedagógica, constituindo-se em praticas cotidianas em sala de aula. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática.

Podemos construir novos cominhos avaliativos, com uma avaliação de reflexivos critérios de entendimento, avaliação que predominem o diagnóstico e tomada de decisão a cerca do aprendizado significativo. Dessa forma estaremos formando cidadãos autônomos, conscientes e solidários. Transformação, educação, aprendizado se essas são nossas metas, não nos resta outra escolha a não ser pensar juntos em uma nova maneira de avaliação.

Constatamos que os resultados revelaram que as concepções das professoras se aproximam de uma perspectiva de avaliação formativa, uma vez que revelam que o acompanhamento das aprendizagens do alunado configura-se em um processo contínuo e permanente. No entanto, observamos que a prova continua sendo um dos instrumentos avaliativos mais utilizados por parte das professoras, o que parece indicar que elas aprenderam os conceitos/concepções de avaliação formativa, mas, não necessariamente conseguem colocar esses conceitos em prática.

No momento compreendemos que é necessária uma postura por parte dos educadores, no que se refere à prática avaliativa escolar, pois para que de fato a escola seja formadora de educandos críticos e transformadores da sociedade.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL, **LEI Nº 9394/96**, que institui as diretrizes e bases da educação nacional. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 28. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HADJI, Charles. **A Avaliação desmitificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola à Universidade**. 20ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOFFMANN, Jussara; SILVA, Felipe Janssen; ESTEBAN, Maria Tereza. **Práticas Avaliativas e aprendizagem significativa**. Porto Alegre, Mediação, 2003.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrario em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005. 192 p.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora.2011.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da Excelência à Regulação das Aprendizagens Entre Duas Lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MENDEZ, Álvarez. **Avaliar para Conhecer, Examinar para Excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Méndez, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002. Moretto, V.P. Prova: um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais)

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho**. 23. Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez 2007.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. 6. Ed.– São Paulo, Cortez, 2001.

TYLER, Ralph. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. Porto Alegre: Globo, 1974.

ZABALA, A. **A avaliação. In: A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMéd, 1998. Cap. 8, p. 195-200.